

DE JOSEPH A BENTO, DE JORGE A FRANCISCO: UM ESTUDO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO ETHOS E SUA RELAÇÃO COM OS NOMES DOS PAPAS

Dayane Sávia Monteiroⁱ
Mônica Santos de Souza Meloⁱⁱ

Resumo: Recentemente, a Igreja Católica passou por momentos de crise, que teriam culminado com a renúncia de Bento XVI. Após a eleição de Francisco, muitos se surpreenderam por sua postura diferenciada. Um elemento representativo dessa diferença se deu a partir do nome que adotaram após serem eleitos. Ratzinger justificou a escolha à sua homenagem a São Bento, que é patrono da Europa. Bergoglio remete a São Francisco de Assis, que se dedicou aos pobres. Tendo isso em vista, objetivamos entender como acontece a construção dos *ethé* de ambos a partir da escolha de seus nomes papais, investigando como essa opção interfere na imagem que eles constroem de si. Para tal, analisamos os discursos oficiais pós-eleição. Os principais autores utilizados foram Orlandi (1999), Amossy (2005), Charaudeau (2006) e Maingueneau (2006). Tal estudo permitiu verificar a construção de *ethé* distintos, susceptíveis de provocar uma recepção diferenciada da população.

Palavras-chave: Discurso. Argumentação. *Ethos*. Discurso Religioso.

Abstract: Recently, the Catholic Church went through a crisis that would have culminated in the resignation of Benedict XVI. After Francisco's election, many were surprised by its unique stance. A representative element of this difference lies in the name that they have adopted after being elected. Ratzinger justified the choice as a homage to St. Benedict, who is the patron of Europe. Bergoglio refers to St. Francis of Assis, who dedicated himself to the poor people. With this in mind, we aim to understand the construal of both *ethé*, considering the choice of his papal name, investigating, thus, how this option affects the image that they build for themselves. In order to do so, we analyzed their post-election official speeches. The main authors we used were Orlandi (1999), Amossy (2005), Charaudeau (2006) and Maingueneau (2006). This study showed the construal of different *ethé*, which could cause a distinct receptions from the population.

Keywords: Discourse. Argumentation. *Ethos*. Religious Discourse.

ⁱ Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: dayanesavia@yahoo.com.br.

ⁱⁱ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: monicassmelo@yahoo.com.br.

Introduao

O presente trabalho traz uma proposta de estudo sobre a construao dos *ethé* dos Papas Bento XVI e Francisco, a partir das escolhas de seus novos nomes. Para tanto, analisaremos discursos oficiais de ambos, nos quais eles justificam e comentam essas escolhas, pouco tempo depois de sua eleiao.

A Igreja Católica, nos últimos tempos, tem sido afetada por polemias e revoltas, o que tem gerado uma reestruturaao em seus valores. Esses momentos de crise no catolicismo, marcados por fortes críticas, teriam culminado com a repentina renúncia do Papa Bento XVI. Atualmente, a presença do novo Papa Francisco também tem surpreendido a todos, dessa vez por sua postura diferenciada em relaao ao anterior, diferença esta que estaria representada inclusive nos nomes adotados pelos papas.

O Papa Francisco, como tem sido bastante ressaltado pelos meios de comunicaao, ao contrário de seus antecessores (inclusive de Bento XVI), recusou vários benefícios papais, tais como roupas de luxo, anéis, o carro oficial do Vaticano, dentre outras “regalias”, mostrando-se humilde e despojado. Desde sua primeira apariao, Francisco se mostrou uma figura peculiar com uma aparência serena e demonstrou simplicidade ao inclinar a cabeça e pedir aos fiéis que orassem por ele, antes de lhes conceder a benao, fugindo dos costumes e protocolos da Igreja Católica. Francisco também marca a história do catolicismo por ser o primeiro papa latino-americano.

A escolha do nome Francisco  bastante significativa, já que evoca São Francisco de Assis, santo que optou pela pobreza, renunciando a seus bens e dedicando-se aos pobres, além de ter sido chamado por Deus para “renovar sua igreja”.

Já Bento XVI, com sua fisionomia mais austera, parecia mais fechado e menos caloroso com o público, dedicando-se mais  escrita de livros e documentos da igreja do que ao contato direto com os fiéis. Durante seu papado, foi alvo de críticas, bombardeado por polemias, acabando por renunciar a sua posiao, alegando problemas de saúde e idade avançada para prosseguir como líder da Igreja Católica. Sobre a escolha do nome papal, Bento XVI homenageia tanto Bento XV quanto São Bento de Núrsia. Isso mostra sua admiraao por seu antecessor homonimo e pelo santo, que  muito cultuado na Alemanha (principalmente em Baviera, cidade natal de Bento XVI), além de ser conhecido como o “Pai da Europa”.

Diante desse cenário, objetivamos entender como acontece a construao dos *ethé* dos Papas Bento XVI e Francisco a partir, principalmente, da escolha de seus novos nomes, investigando a relaao entre essa denominaao e a imagem que eles tentam construir de si através do discurso. Para isso, analisaremos discursos oficiais pós-eleiao de ambos, por meio dos quais justificam a escolha de seus nomes. Nosso embasamento teórico está pautado em Brandão (1986), Orlandi (1999), Amossy (2005), Charaudeau (2006), Maingueneau (2006), Charaudeau e Maingueneau (2008) e Chamone (2012).

Este artigo está dividido em quatro partes. Na primeira, traremos algumas consideraoes e esclarecimentos sobre os papas: o porquê de eles mudarem de nome; uma breve biografia de Bento XVI e de Francisco, bem como dos santos homonimos que inspiraram a escolha de seus nomes. Na segunda parte, traremos o referencial teórico que faz um apanhado breve sobre a Análise do Discurso e uma breve discussão do conceito de *ethos*. Na terceira, traremos a metodologia, a análise do *corpus* e os resultados do estudo e, por fim, consideraoes finais.

1 Os Papas Bento XVI e Francisco¹

As informaoes que se seguem são uma síntese dos dados fornecidos por Joseph Ratzinger, **Papa Bento XVI**, que nasceu em Marktl am Inn (Alemanha), em 1927. A fé e a educaao da sua família prepararam-no para enfrentar a dura experiência da época, período em que o regime nazista mantinha um clima de grande hostilidade contra a Igreja Católica. Recebeu a Ordenaao Sacerdotal em 29 de Junho de 1951. Um ano depois, começou a sua atividade de professor na Escola Superior de Freising. No ano de 1953, doutorou-se em teologia com a tese “Povo e Casa de Deus na doutrina da Igreja de Santo Agostinho”. Prestou uma notável contribuao ao Concílio Vaticano II como perito. A sua intensa atividade científica levou-o a desempenhar importantes cargos a serviço da Conferência Episcopal Alemã e na Comissão Teológica Internacional. Paulo VI criou-o Cardeal, do título presbiteral de “Santa Maria da Consolaao no Tiburtino”, no Consistorio em 27 de junho de 1977.

¹ As informaoes sobre a biografia dos papas foram extraídas do site oficial do Vaticano e estão disponíveis em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography/documents/hf_ben-xvi_bio_20050419_short-biography.html.

Jorge Mário Bergoglio, o **Papa Francisco**, nasceu em Buenos Aires, em 1936. Diplomou-se como técnico químico, e depois escolheu o caminho do sacerdócio. Em 1958, entrou no noviciado da Companhia de Jesus, tendo sido ordenado em 1969. Foi eleito, em 1973, provincial dos jesuítas da Argentina, cargo que desempenhou durante seis anos. Depois retomou o trabalho no campo universitário e, de 1980 a 1986, foi reitor do colégio de São José e pároco em San Miguel. Foi nomeado em 1992, por João Paulo II, bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires. Em 2001, tornou-se cardeal. Na Americ Latina, a sua figura tornou-se cada vez mais popular. Propôs projetos de evangelizaao e campanhas de solidariedade em nível nacional.

2 A questão das denominaoes dos Papas

2.1 Por que os papas mudam de nome?

Mudar de nome no âmbito eclesial traz simbologias. De acordo com Aquino (2009), essa mudança ocorria a partir de uma nova missão que era concedida aos indivíduos, isso porque, para os judeus, o nome da pessoa tinha a ver com a sua identidade e missão. O nome do próprio Jesus, que significa “Deus salva”, mostra a sua identidade divina (Deus) e a sua missão na terra (salvar). Outros personagens bíblicos tambm tiveram seus nomes modificados. Abrão (que significa ‘pai elevado’), figura do antigo testamento, torna-se posteriormente Abraão (que significa ‘pai de uma multidão’) devido  missão que Deus lhe ortoga de guiar o Seu povo. A esposa de Abraão, chamada Sarai, que significa ‘estéril’, tambm tem seu nome mudado a partir da benao que Deus lhe concede de conceber um filho e torna-se Sara (que significa ‘fértil’). O primeiro papa da história da Igreja tambm teve seu nome modificado. São Pedro, que se chamava Simão, que significa ‘aquele que ouve’, tornou-se Pedro (que significa ‘pedra, rocha’), quando Jesus o chamou para a missão de segui-lo e principalmente de guiar a sua Igreja: “[...] *Tu s Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja [...]*” (Mt 16,18).

Porém, depois de Pedro, o primeiro papa a mudar de nome foi Mercúrio no ano de 533. Essa mudança teria ocorrido primeiramente, não pelo fato de uma nova missão, mas devido a Mercúrio ser um nome de um deus pagão. Sendo assim, Mercúrio optou por chamar-se João II, escolhendo assim um nome bíblico e homenageando João I. Interessante destacar tambm que nenhum dos sucessores de Pedro quis usar o seu nome e chamar-se Pedro II,

por exemplo. Isso pode indicar que, independente do nome, todos os papas seriam “pedros”, ou seja, pedras, alicerces da Igreja Católica no mundo.

2.2 Os santos que inspiraram os nomes de Bento XVI e Francisco²

Bento XVI se inspirou em São Bento. São Bento, o Patriarca dos Monges do Ocidente, nasceu por volta do ano 480 na província de Núrsia – Itália. Era de uma família da alta nobreza e com uma sólida formação familiar cristã, mas renunciou aos estudos superiores, escandalizado com a vida imoral que encontrou em Roma. Seu lema “ora et labora” (“reza e trabalha”), não perdeu ainda hoje a sua importância e eficácia como desafio e modelo de santidade perfeita. Durante a vida, construiu mosteiros, curou doentes, tendo inclusive ressuscitado mortos, enfrentou tiranos e fundou a Ordem Beneditina. Iluminado por tantas graças, acredita-se que Bento tinha o dom da profecia.

A denominação do Papa Francisco se inspira em São Francisco de Assis, que nasceu em 1182, na cidade de Assis, Itália, com o nome de Giovanni di Pietro di Bernardone. Pertencia a uma família da rica burguesia de Assis. Francisco cresceu e se tornou popular entre seus amigos devido à sua vida rebelde, às extravagâncias, bebedeiras e por esbanjar dinheiro. Recebeu seu chamado em Assis, durante uma farra com os amigos, onde foi tocado por Deus e, desde então, começou a se preocupar com os mais necessitados e passou a servir a Deus, através da doação total e incondicional da sua vida. Abandonou a vida mundana e adotou uma vida religiosa de completa pobreza. Com isso, atraiu outros adeptos, tendo fundado, mais tarde, a Ordem dos Frades Menores, hoje conhecidos como Franciscanos.

Procuraremos analisar a relação entre essas denominações e a imagem construída pelos papas a partir de seus pronunciamentos. Antes disso, apresentaremos uma síntese da noção de *ethos* que norteará nossa análise.

² Informações extraídas dos seguintes sites católicos: <http://santo.cancaonova.com/santo/sao-francisco-de-assis-o-santo-que-desposou-a-pobreza/>;
<http://www.paulinas.org.br/diafeliz/?system=santo&id=377>;
<http://santo.cancaonova.com/santo/sao-bento-vida-de-oracao-e-meditacao/>;
<http://www.beneditinasdp.org.br/devocoes.php>

3 A noao de *ethos* numa perspectiva discursiva

Nossa proposta é analisar a construao do *ethos* no corpus selecionado, abordando essa noao, que é herdada dos estudos de Aristóteles, sob a perspectiva da Análise do Discurso.

Segundo Orlandi (1999), a Análise do Discurso se interessa em estudar a “língua funcionando para a produao de sentidos” (ORLANDI, 1999, p.17). Sendo assim, a Análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente e procura detectar, então, num texto, como ele significa, enxergando-o como detentor de uma materialidade simbólica própria e significativa.

Corroborando esta concepao, Brandão (1986) salienta que a Análise do Discurso inscreve-se em um quadro de articulaao com o social, investigando essa relaao e suas consequências. Para Brandão, a Análise do Discurso:

[...] toma a linguagem como um fenomeno que deve ser estudado não so em relaao ao seu sistema interno, enquanto formaao linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formaao ideológica, que se manifesta através de uma competência sócio-ideológica [...] (BRANDÃO, 1986, p. 18).

é a partir dessa concepao que vamos interpretar a noao de *ethos*. Sabemos que o *ethos* é uma temática discutida desde a antiguidade e diz respeito a um dos três pilares da tríade aristotélica ligadas à retórica, ao lado do *pathos* e do *logos*. O *ethos* está ligado à figura do orador, não exatamente aos atributos reais do indivíduo, mas à imagem que ele deixa transparecer, que emerge de seu discurso. Assim, o *ethos* seria basicamente a “imagem de si” que o interlocutor constrói através do discurso. Essa noao tem sido incorporada aos estudos discursivos, no sentido de se vincular às condioes de produao do discurso e manter relaao estreita com o espaço de restrioes e estratégias por elas determinados. Refere-se “às várias modalidades linguísticas e extralingusticas de apresentaao de si, no discurso, com intenao persuasiva” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008). Nessa perspectiva, afirma Maingueneau (2006): “[...] A eficácia do *ethos* relaciona-se assim, com o fato de ele envolver de algum modo a enunciaao sem ser explicitado no enunciado” (MAINGUENEAU, 2006, p.268). Para Amossy (2005):

Todo ato de tomar a palavra implica a construao de uma imagem de si. Para tanto não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representaao de uma pessoa (AMOSSY, 2005, p.9).

Segundo a autora, há, portanto, uma diferença entre um *ethos* dito e um *ethos* mostrado. é importante ressaltar também que o *ethos* é construído com base nas expectativas do auditório, fazendo com que, se necessário, o autor jogue com suas várias imagens, podendo forj-las de acordo com sua intenao. A autora enfatiza, portanto, a funao social do locutor, propondo que um discurso so terá autoridade se o locutor possuir legitimidade. Nas palavras da autora:

[...] o poder das palavras deriva da adequaao entre a funao social do locutor e seu discurso: o discurso não pode ter autoridade se não for pronunciado pela pessoa legitimada a pronunciá-lo em uma situaao legítima, portanto, diante de receptores legítimos. é assim com um sermão, com uma entrevista coletiva, com um poema; enfim, com todas as formas de discurso que circulam em uma sociedade (AMOSSY, 2005, p.120).

Maingueneau (2006) propõe que o ouvinte cria uma imagem do locutor antes mesmo de ele se pronunciar e é durante seu discurso que ele (o ouvinte) refuta ou confirma essa imagem. Além disso, Maingueneau (2006) explica que há também um *ethos* coletivo, afinal, toda imagem que se constrói do outro está pautada nos referenciais das representaoes sociais.

Outro ponto destacado por Maingueneau diz respeito à recepao do *ethos*. Segundo ele, não se pode dizer que interpretar um *ethos* seja apenas uma decodificaao: ele está inserido em uma experiência sensível que envolve também elementos não verbais. Não existe somente o *dizer*, o *ser* também está envolto nesse processo:

A problemática do *ethos* impede assim que se reduza a recepao a uma mera decodificaao; algo da ordem da experiência sensível se acha envolvido no processo de comunicaao verbal. Os enunciados suscitam a adesão do leitor através de um modo de dizer que é igualmente um modo de ser (MAINGUENEAU, 2006, p.290).

Em consonância com esses estudos, o linguista Patrick Charaudeau explica que não há uma divisão fechada que limite e classifique todos os tipos de *ethé*, afinal, afirma o autor:

Não se pode dizer que existam marcas específicas do ethos. Tanto pelos diversos tipos de comportamento do sujeito (o tom de voz, os gestos e as maneiras de falar) quanto pelo conteúdo de suas propostas, ele mais transparece do que aparece. Não se pode separar o ethos das ideias, pois a maneira de apresentá-las tem o poder de construir imagens (CHARAUDEAU, 2006, p.118).

Além disso, ele esclarece que o ethos não é baseado necessariamente naquilo que o falante diz, explicitamente, mas na imagem que ele elabora de si, ou seja, no modo como ele se mostra ao outro, ou ainda no modo como ele quer mostrar-se ao outro. E essa imagem pode afetar a materialidade linguística, o que facilita a análise através de marcas na enunciaao.

Charaudeau (2006) traz alguns exemplos de *ethé* recorrentes, em especial, no discurso político, mas que podem coincidir com discursos de outros domínios. Ele os categoriza em dois grupos principais: os *ethé* de credibilidade e os de identificaao. Nos *ethé* de credibilidade, o sujeito, para ser aceito, deve produzir uma imagem que atenda às expectativas de seu eleitorado. Dessa forma, para se garantir credibilidade, faz-se necessário que o sujeito construa uma identidade discursiva julgada digna de crédito. Já os *ethé* de identificaao estão relacionados ao afeto: o interlocutor, diante de um processo de identificaao, funde a sua identidade à do locutor. Nesse grupo, ganha destaque e pertinência para nosso trabalho o ethos de ‘humanidade’, no qual o sujeito se mostra sensível, demonstrando seus sentimentos e assumindo suas fraquezas. Finalmente, Charaudeau define o ethos de chefe. Nele, o sujeito mostra-se como um líder, que gerencia ou até mesmo guia um rebanho. Para Charaudeau:

O guia-pastor é um agregador, aquele que reúne o rebanho, o acompanha, ilumina seu caminho com uma perseverança tranquila [...] transpostos para uma moral humana, esses traços tornam-se, metaforicamente, os de um condutor de homens, que sabe se fazer seguir, do sábio que tem uma vida interior e do homem determinado que sabe onde vai (CHARAUDEAU, 2006, p.154).

Vejamos, a seguir, como essas imagens são construídas no discurso religioso, mais especificamente, nos pronunciamentos dos Papas Bento XVI e Francisco.

4 Análise

O discurso religioso remete  persuasão e ao convencimento. Nesse contexto, a construao da imagem do enunciador visa a algum tipo de influência sobre o alocutário. A linguagem, como nos lembra Charaudeau (2012), não se refere somente aos sistemas de signos internos da língua, mas a sistemas de valores que comandam o uso desses signos. Segundo Orlandi (1987),  através dela que os sujeitos constituem diversos tipos de discursos, estabelecendo relaoes sociais, políticas e ideológicas. A partir dessas características, podemos destacar que o discurso religioso  marcado fortemente pelo seu intuito de convencer, “de agir sobre o outro na tentativa de gerar certos efeitos no interlocutor com o objetivo de conquistar sua adesão  ideologia que propõe” (CHAMONE, 2012, p.32). No discurso religioso cristão, nosso objeto, a Palavra tem um lugar privilegiado, visto que o próprio Cristo  chamado o *verbo*. Segundo Orlandi (1987), nossa civilizaao  atravessada pelo discurso religioso e na Igreja se concentram diferentes formas de discursividade.

Para o propósito deste trabalho, o *corpus* escolhido  composto de dois discursos oficiais, um de cada pontífice, por meio dos quais eles justificam a escolha de seus nomes. O primeiro, do Papa emrito Bento XVI, aconteceu em uma Audiência Geral, um pronunciamento rotineiro dos papas aos fiéis, no Vaticano, pouco tempo depois de sua eleiao. Já o segundo, do atual papa Francisco, aconteceu num encontro com os representantes dos meios de comunicaao que cobriram o conclave que o elegeu.  pertinente ressaltar que ambos são discursos oficiais, que foram posteriormente disponibilizados pelo site oficial do Vaticano por escrito.

Sendo assim, nos propomos a analisar como os papas constroem seu *ethos* a partir de seus discursos.

4.1 O discurso de Bento XVI

No discurso do Papa Bento XVI, convivem vários *ethé*. Desde o início de sua fala, e em vários outros momentos, há uma tentativa de identificaao com o público através da construao de um *ethos* de fraternidade. Há, portanto, uma tentativa de aproximaao com o fiel a partir de saudaoes, tais como “carssimos irmãos e irmãs” e enunciaoes elocutivas, nas quais o papa

manifesta contentamento por estar compartilhando com o fiel aquele momento (“Sinto-me feliz por vos receber”). Porém, deve-se destacar o uso do verbo “receber”, que sugere que a posiao e o lugar ocupados pertencem ao papa, e que os fiéis ali se acham na qualidade de “visitantes”.

Já nos primeiros momentos, Bento assume um *ethos* de humanidade, através do qual demonstra seus sentimentos e, principalmente, assume os sentimentos contraditórios provocados pela sua “eleiao” como papa: sentimentos de gratidão, mas, ao mesmo tempo, de medo e insegurança, como sugere a seguinte passagem:

(1) “**Experimento no ânimo sentimentos entre sí contrastantes** nestes dias de início do meu ministério petrino: **admiraao e gratidão em relaao a Deus que surpreendeu antes de tudo a mim mesmo, chamando-me a suceder ao apóstolo Pedro; trepidaao interior perante a grandeza da tarefa e das responsabilidades que me foram confiadas**”.

No entanto, o papa não deixa de reconhecer sua posiao de líder, ao mencionar “a grandeza da tarefa e das responsabilidades” que lhe foram confiadas. Em seguida, reafirma o *ethos* de “guia-pastor”, ao se identificar como “**Bispo de Roma e Pastor universal da Igreja**”.

Identifica-se, ainda, o *ethos* de humildade, em algumas outras passagens da sua fala. Quando pede as oraoes dos fiéis, provoca uma espécie de inversão de papéis, pois, a princípio, o que se espera é que o pastor, como representante de Deus, ore pelos fiéis. Também ao reverenciar seu antecessor, o papa João Paulo II, mostra-se humilde e disposto a adotá-lo como parâmetro de comportamento. Ao mesmo tempo, assume uma imagem conservadora, sugerindo que adotara uma postura afinada à anterior. Tal postura parece ser reforçada quando sugere que, a partir daquele momento, tudo voltaria à normalidade:

(2) “Depois da piedosa partida **do meu venerado** predecessor João Paulo II, recomenam hoje as **tradicionais** Audiências gerais da quarta-feira. **Voltamos assim à normalidade**”.

(3) “Por conseguinte, na próxima quarta-feira **retomarei precisamente de onde se tinham interrompido** as suas catequeses”.

O mesmo sentimento de reverência ou veneraao é assumido em relaao à figura de São Bento. O papa Bento XVI apresenta uma série de asseroes descritivas, apontando os títulos que atestam o valor e a grandeza

de São Bento. Adota, para isso, a modalidade delocutiva, que sugere que o conteúdo da asserção se refere a verdades que independem da avaliação pessoal do locutor:

(4) “Além disso, **o nome Bento recorda também a extraordinária figura do grande ‘Patriarca do monaquismo ocidental’ São Bento de Núrsia, co-padroeiro da Europa**”.

(5) “Por isso, **São Bento é muito venerado também na Alemanha e, em particular, na Baviera, a minha terra de origem**; constitui um ponto de referência fundamental para a **unidade da Europa** e uma forte chamada às irrenunciáveis raízes cristãs da sua cultura e da sua civilização”.

Descrevendo as qualidades de São Bento, sugere que, adotando a mesma denominação, vai seguir seu exemplo, “suas pegadas”, sendo, também, um “profeta corajoso da paz”. Também sugere-se uma identificação com o papa Bento XV, especialmente no que se refere a uma preocupação com a unidade e a evangelização na Europa:

(6) “Quis chamar-me Bento XVI para me relacionar idealmente com o venerado Pontífice Bento XV, **que guiou a Igreja num período atormentado devido ao primeiro conflito mundial. Ele foi um profeta corajoso e autêntico de paz**”.

Reiterando a devoção a São Bento, assume uma posição de obediência diante dos desígnios de Cristo, defendidos por ele:

(7) “Deste **Pai do Monaquismo ocidental** conhecemos a recomendação deixada aos monges na sua Regra: **‘Nada antepõem absolutamente a Cristo’**”.

Por fim, reforça sua imagem de pastor, representante da igreja (sucessor de Pedro) e se coloca em posição de devoção e humildade para cumprir a sua missão:

(8) “No início do meu serviço como **Sucessor de Pedro peço a São Bento** que nos ajude a manter firme a centralidade de Cristo”

4.2 O discurso de Francisco

No discurso do Papa Francisco, mostra-se mais recorrente o *ethos* de humanidade. Assim como Bento XVI, Francisco dirige-se ao público com um tratamento afetuoso. Contudo, substitui o tradicional “Caríssimos irmãos”, forma escolhida por Bento XVI, por uma expressão bem mais íntima:

“Queridos amigos”. Ao contrário de Bento XVI, que, ao colocar-se diante dos fiéis, usa o verbo “receber”, Francisco manifesta sua alegria ao “encontrar” os fiéis. Sendo assim, sugere uma aproximaao maior com o público.

Uma referência especial é dedicada aos profissionais da comunicaao, destinatários primeiros do discurso, o que mostra uma sensibilidade do novo papa que procura se identificar com os profissionais responsáveis por aproximá-lo do grande público:

(9) “O vosso trabalho requer estudo [...] e **isto torna-nos particularmente vizinhos**”.

Ao mesmo tempo, ao buscar essa identificaao, reivindica que esses profissionais mantenham o compromisso com a verdade. Essa solicitaao explica-se em funao de toda conjuntura que envolveu a renúncia de Bento XVI, com a denúncia de escândalos (os “pecados” aos quais se refere) no âmbito da Igreja Católica:

(10) “Mas tambem um **convite para procurardes conhecer cada vez mais a verdadeira natureza da Igreja** e tambem o seu caminho no mundo, com as suas virtudes e os seus pecados [...] Podeis estar certos de que **a Igreja**, por sua vez, **presta grande atenao ao vosso precioso trabalho**”.

(11) “**O vosso trabalho requer estudo, uma sensibilidade própria** e experiência, como tantas outras profissões, **mas implica um cuidado especial pela verdade**, a bondade e a beleza”.

Francisco reforça o *ethos* de humanidade ao manifestar seu sentimento de alegria por estar próximo do povo e, ao mesmo tempo, de surpresa, diante da renúncia de seu antecessor. No entanto, ao manifestar essa surpresa, isenta Bento XVI de qualquer culpa em relaao a renúncia.

(12) “**O protagonista** de tudo o que aconteceu foi, em última análise, o **Espírito Santo. Ele inspirou a decisão tomada por Bento XVI para bem da Igreja**. Ele dirigiu na oraao e na eleiao os Cardeais”.

Ao contrário do que se observa no discurso de Bento XVI, que reitera, constantemente, o poder histórico e político da Igreja, através da imagem de São Bento, o “Patriarca do monaquismo ocidental” e “co-padroeiro da Europa”, Francisco procura relativizar esse papel, valorizando o caráter “essencialmente espiritual” da Igreja.

(13) “Realmente a Igreja, apesar de ser indubitavelmente uma instituição também humana e histórica, com tudo o que isso implica, não é de natureza política, mas essencialmente espiritual: é o Povo de Deus, o Povo santo de Deus, que caminha rumo ao encontro com Jesus Cristo”.

O ethos de humildade é reafirmado quando Francisco relativiza a importância da figura do papa:

(14) “Cristo é o Pastor da Igreja, mas a sua presença na história passa através da liberdade dos homens: um deles é escolhido para servir como seu Vigário, Sucessor do Apóstolo Pedro, mas Cristo é o centro. Não o Sucessor de Pedro, mas Cristo. Cristo é o centro. Cristo é o ponto fundamental de referimento, o coração da Igreja. Sem Ele, Pedro e a Igreja não existiriam, nem teriam razão de ser”.

Finalmente, o novo papa procura explicar a escolha do nome Francisco. Mais uma vez demonstrando simplicidade, refere-se a si mesmo na terceira pessoa, mas não como “o Papa”, e sim como “o Bispo de Roma” e atribui a escolha do nome Francisco ao pedido do Cardeal Cláudio Hummes: “Não te esqueças dos pobres”. Refere-se, num tom de humor, à possibilidade de ser o escolhido (“quando o caso começava a tornar-se um pouco perigoso”), informação que sugere outra característica: o bom-humor. Referindo-se, também, às brincadeiras que teriam ocorrido durante o processo de escolha do nome do novo papa, desconstrói a imagem grave e solene do conclave:

(15) “Depois não faltaram algumas brincadeiras ‘Mas, tu deverias chamar-te Adriano, porque Adriano VI foi o reformador; e é preciso reformar...’. Outro disse-me: ‘Não! O teu nome deveria ser Clemente’. ‘Mas por quê?’. ‘Clemente XV! Assim vingavas-te de Clemente XIV que suprimiu a Companhia de Jesus!’ São brincadeiras...”

A partir daí, passa a descrever Francisco de Assis, sugerindo a intenção de incorporar as marcas que caracterizam o comportamento desse santo da Igreja Católica ao seu pontificado:

(16) “Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis. Em seguida pensei nas guerras, enquanto continuava o escrutínio até contar todos os votos. E Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coração: Francisco de Assis. Para mim, é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criação; neste tempo, também a nossa relação com a criação não é muito boa, pois não? [Francisco] é o homem que nos dá este espírito de paz, o homem pobre... Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres”.

A partir dos dados acima, podemos constatar que os dois papas constroem imagens diferentes de si. O primeiro, Bento XVI, traz uma imagem mais conservadora, sugerindo que não trará mudanças radicais em seu papado. A escolha de seu nome evidencia sua admiraao por Bento XV, papa que lutou pela paz, e sua devoao por São Bento, santo muito cultuado em sua cidade natal, além de ter sido chamado ‘pai do monaquismo ocidental’. Foi considerado também o responsável pela unidade da Europa. O que mostra a preocupaao e a atenao que o pontefice reserva ao continente europeu. Já Francisco traz uma imagem de mais proximidade com seu público, de humanidade e principalmente de humildade, ao escolher Francisco de Assis, que renunciou  riqueza para dedicar-se inteiramente aos pobres. Nota-se também, no discurso do Papa Francisco, um tom mais descontraído e leve.

Consideraoes finais

Pensar na construao do *ethos* implica uma série de fatores.  importante percebermos que essas construoes da ‘imagem de si’ são muito pertinentes dentro da análise de um discurso. Através delas, emana o não-dito e nos deparamos com vários outros discursos imbricados, outras vozes, outros valores. Ao refletirmos sobre a construao dessa imagem dentro do discurso religioso, outros fatores vêm  tona, tanto pelo teor doutrinário e ideológico dessa instância, quanto pelas diversas críticas e polemicas que a acompanham.

Nessa análise, podemos perceber como essas imagens são construídas de forma bem diferenciada, especialmente a partir das escolhas dos nomes adotados intencionalmente, pelas pessoas. Verificamos ainda que, em seus pronunciamentos, através de procedimentos variados, os papas constroem os *ethé* de credibilidade e identificaao, tão importantes no âmbito do discurso religioso. Percebemos a importância dessas escolhas, associadas a pronunciamentos que as corroboram, dentro do ambiente eclesiástico e, a partir disso, conseguimos enxergar as imagens que os pontefices queriam passar de si: de um lado um papa conservador que valoriza sua nacionalidade europeia e de outro um papa descontraído e despojado, que deseja mudanças principalmente em relaao  ostentaao da Igreja e  atenao aos mais necessitados.

Enfim, este trabalho foi um primeiro passo para uma reflexão mais ampla sobre como os líderes de uma instância detentora de tanto poder e influência no mundo, a Igreja Católica, constroem sua imagem e também a imagem da instituiao e de como isso pode refletir sobre os fiéis e a sociedade como um todo.

Referências

AQUINO, Felipe. **O sagrado Magistério**. São Paulo: Cleofas, 2009.

AMOSSY, Ruth. Da noao retórica de *ethos*  analise do discurso. In: _____ (Org.). **Imagens de si no discurso: a construao do ethos**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2005. p.9-28.

BRANDÃO, Helena Negamine. **Introduao  analise do discurso**. Campinas: UNICAMP, 1986.

CHAMONE, Sonia. O *ethos* o *pathos* na construao do discurso religioso. **e-hum: revista científica das áreas de humanidades do Centro Universitário de Belo Horizonte**, v. 5, n. 1, p.24-44, 2012. Disponível em: www.unibh.br/revistas/ehum. Acesso em: 10 jun. 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de analise do discurso**. Coord. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mdias**. Trad. Angela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Pontes, 1987.

_____. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.

Anexo 1 - Audiência Geral - Bento XVI - Quarta-feira, 27 de abril de 2005

As razões do nome Bento XVI

“Caríssimos Irmãos e Irmãs! Sinto-me feliz por vos receber e dirijo uma cordial saudação a quantos estão aqui presentes, assim como aos que nos seguem mediante a rádio e a televisão. Como já expressei no meu primeiro encontro com os Senhores Cardeais, precisamente na quarta-feira da semana passada na Capela Sistina, experimento no ânimo sentimentos entre si contrastantes nestes dias de início do meu ministério petrino: admiração e gratidão em relação a Deus que surpreendeu antes de tudo a mim mesmo, chamando-me a suceder ao apóstolo Pedro; trepidação interior perante a grandeza da tarefa e das responsabilidades que me foram confiadas. Contudo dá-me serenidade e alegria a certeza da ajuda de Deus, da sua Mãe Santíssima, a Virgem Maria, e dos santos Padroeiros; é para mim de apoio também a proximidade espiritual de todo o Povo de Deus ao qual, como no domingo passado tive a ocasião de repetir, continuo a pedir que me acompanheis com a oração insistente. Depois da piedosa partida do meu venerado predecessor João Paulo II, recomeçam hoje as tradicionais Audiências gerais da quarta-feira. Voltamos assim à normalidade. Neste primeiro encontro gostaria antes de tudo de falar sobre o nome que escolhi ao tornar-me Bispo de Roma e Pastor universal da Igreja. Quis chamar-me Bento XVI para me relacionar idealmente com o venerado Pontífice Bento XV, que guiou a Igreja num período atormentado devido ao primeiro conflito mundial. Ele foi um profeta corajoso e autêntico de paz e comprometeu-se com coragem infatigável primeiro para evitar o drama da guerra e depois para limitar as consequências nefastas. Nas suas pegadas desejo colocar o meu ministério ao serviço da reconciliação e da harmonia entre os homens e os povos, profundamente convencido de que o grande bem da paz é antes de tudo dom de Deus, dom frágil e precioso que deve ser invocado, tutelado e construído dia após dia com o contributo de todos. Além disso, o nome Bento recorda também a extraordinária figura do grande “Patriarca do monaquismo ocidental”, São Bento de Núrsia, co-padroeiro da Europa juntamente com os santos Cirilo e Metódio e as mulheres santas, Brígida da Suécia, Catarina de Sena e Edith Stein. A expansão progressiva da Ordem beneditina por ele fundada exerceu uma influência enorme na difusão do cristianismo em todo o Continente. Por isso, São Bento é muito venerado também na Alemanha e, em particular, na Baviera, a minha terra de origem; constitui um ponto de referência fundamental para a unidade da Europa e uma forte chamada às irrenunciáveis raízes cristãs da sua cultura e da sua civilização. Deste Pai do Monaquismo ocidental conhecemos a recomendação deixada aos monges na sua Regra: “Nada antepõem absolutamente a Cristo” (Regra 72, 11; cf. 4, 21). No início do meu serviço como Sucessor de Pedro peço a São Bento que nos ajude a manter firme a centralidade de Cristo na nossa existência. (grifo nosso). Que ele esteja sempre no primeiro lugar nos nossos pensamentos e em cada uma das nossas atividades! O meu pensamento volta com afeto ao venerado predecessor João Paulo II, ao qual somos devedores de uma extraordinária herança espiritual. “As nossas comunidades cristãs escreveu na Carta Apostólica Novo millennio ineunte devem tornar-se autênticas escolas de oração, onde o encontro com Cristo não se exprima apenas em pedidos de ajuda, mas também em ação de graças, louvor, adoração, contemplação, escuta, fervor e afetos, até se chegar a um coração verdadeiramente apaixonado”, como foi João Paulo II (33). Ele mesmo procurou realizar estas indicações dedicando as catequeses da quarta-feira dos últimos tempos ao comentário dos Salmos das Laudes e das Vésperas. Como ele fez no

início do seu pontificado, quando quis prosseguir as reflexões iniciadas pelo seu Predecessor sobre as virtudes cristãs (cf. *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, I [1978], pp. 60-63), assim também eu pretendo repropor nos próximos encontros semanais o comentário por ele preparado sobre a segunda parte dos Salmos e Cânticos que compõem as vésperas. Por conseguinte, na próxima quarta-feira retomarei precisamente de onde se tinham interrompido as suas catequeses, na Audiência geral de 26 de Janeiro passado. Queridos amigos, obrigado de novo pela vossa visita, obrigado pelo afeto com que me circundais. São sentimentos que retribuo cordialmente com uma especial bênção, que concedo a vós aqui presentes, aos vossos familiares e a todas as pessoas queridas”.

Anexo 2 - Encontro com os representantes dos meios de comunicação social - discurso do Santo Padre Francisco - Sábado, 16 de março de 2013

“Queridos amigos é para mim uma alegria poder, no início do meu ministério na Sé de Pedro, encontrar-vos, a vós que estivesdes empenhados aqui em Roma num período tão intenso como este que teve início com o inesperado anúncio do meu venerado Predecessor Bento XVI, no dia 11 de Fevereiro passado. Saúdo cordialmente a cada um de vós. Ao longo dos últimos tempos, não tem cessado de crescer o papel dos mass media, a ponto de se tornarem indispensáveis para narrar ao mundo os acontecimentos da história contemporânea. Por isso, vos dirijo um agradecimento especial a todos pelo vosso qualificado serviço – trabalhastes... e muito! – nos dias passados, quando os olhos do mundo católico e não só se voltaram para a Cidade Eterna, nomeadamente para este território que tem como «centro de gravidade» o túmulo de São Pedro. Nestas semanas, tivestes ocasião de falar da Santa Sé, da Igreja, dos seus ritos e tradições, da sua fé e, de modo particular, do papel do Papa e do seu ministério. Um agradecimento particularmente sentido dirijo a quantos souberam olhar e apresentar estes acontecimentos da história da Igreja, tendo em conta a perspectiva mais justa em que devem ser lidos: a perspectiva da fé. Quase sempre os acontecimentos da história reclamam uma leitura complexa, podendo eventualmente incluir também a dimensão da fé. Certamente os acontecimentos eclesiais não são mais complicados do que os da política ou da economia; mas possuem uma característica fundamental própria: seguem uma lógica que não obedece primariamente a categorias por assim dizer mundanas e, por isso mesmo, não é fácil interpretá-los e comunicá-los a um público amplo e variado. Realmente a Igreja, apesar de ser indubitavelmente uma instituição também humana e histórica, com tudo o que isso implica, não é de natureza política, mas essencialmente espiritual: é o Povo de Deus, o Povo santo de Deus, que caminha rumo ao encontro com Jesus Cristo. Somente colocando-se nesta perspectiva é que se pode justificar plenamente aquilo que a Igreja Católica realiza. Cristo é o Pastor da Igreja, mas a sua presença na história passa através da liberdade dos homens: um deles é escolhido para servir como seu Vigário, Sucessor do Apóstolo Pedro, mas Cristo é o centro. Não o Sucessor de Pedro, mas Cristo. Cristo é o centro. Cristo é o ponto fundamental de referimento, o coração da Igreja. Sem Ele, Pedro e a Igreja não existiriam, nem teriam razão de ser. Como repetidamente disse Bento XVI, Cristo está presente e guia a sua Igreja. O protagonista de tudo o que aconteceu foi, em última análise, o Espírito Santo. Ele inspirou a decisão tomada por Bento XVI para bem da Igreja; Ele dirigiu na oração e na eleição os Cardeais. É importante, queridos amigos, ter em devida conta este horizonte interpretativo, esta hermenêutica, para identificar o coração dos acontecimentos destes

dias. Destas consideraoes nasce, antes de mais nada, um renovado e sincero agradecimento pelas canseiras destes dias particularmente rduos, mas também um convite para procurardes conhecer cada vez mais a verdadeira natureza da Igreja e também o seu caminho no mundo, com as suas virtudes e os seus pecados, e conhecer as motivaoes espirituais que a norteiam e que são as mais verdadeiras para entendê-la. Podeis estar certos de que a Igreja, por sua vez, presta grande atenao ao vosso precioso trabalho;  que vos tendes a capacidade de identificar e exprimir as expectativas e as exigências do nosso tempo, de oferecer os elementos necessários para uma leitura da realidade. O vosso trabalho requer estudo, uma sensibilidade própria e experiência, como tantas outras profissões, mas implica um cuidado especial pela verdade, a bondade e a beleza; e isto torna-nos particularmente vizinhos, já que a Igreja existe para comunicar precisamente isto: a Verdade, a Bondade e a Beleza «em pessoa». Deveria resultar claramente que todos somos chamados, não a comunicar-nos a nós mesmos, mas esta triade existencial formada pela verdade, a bondade e a beleza. Alguns não sabiam por que o Bispo de Roma se quis chamar Francisco. Alguns pensaram em Francisco Xavier, em Francisco de Sales, e também em Francisco de Assis. Deixai que vos conte como se passaram as coisas. Na eleiao, tinha ao meu lado o Cardeal Cláudio Hummes, o arcebispo emérito de São Paulo e também prefeito emérito da Congregaao para o Clero: um grande amigo, um grande amigo! Quando o caso começava a tornar-se um pouco «perigoso», ele animava-me. E quando os votos atingiram dois terços, surgiu o habitual aplauso, porque foi eleito o Papa. Ele abraçou-me, beijou-me e disse-me: «Não te esqueas dos pobres!» E aquela palavra gravou se-me na cabeça: os pobres, os pobres. Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis. Em seguida pensei nas guerras, enquanto continuava o escrutínio até contar todos os votos. E Francisco  o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coraao: Francisco de Assis. Para mim,  o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criaao; neste tempo, também a nossa relaao com a criaao não  muito boa, pois não? [Francisco]  o homem que nos dá este espírito de paz, o homem pobre... Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres! Depois não faltaram algumas brincadeiras... «Mas, tu deverias chamar-te Adriano, porque Adriano VI foi o reformador; e  preciso reformar...». Outro disse-me: «Não! O teu nome deveria ser Clemente». «Mas porquê?». «Clemente XV! Assim vingavas-te de Clemente XIV que suprimiu a Companhia de Jesus!». São brincadeiras... Amo-vos imensamente! Agradeço-vos por tudo o que fizestes (grifo nosso). E, pensando no vosso trabalho, faço votos de que possais trabalhar serena e frutuosamente, conhecer cada vez melhor o Evangelho de Jesus Cristo e a realidade da Igreja. Confio-vos  intercessão da bem-aventurada Virgem Maria, Estrela da Evangelizaao. Desejo o melhor para vos e vossas famílias, para cada uma das vossas famílias. E de coraao a todos concedo a minha benao. Obrigado.